COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Antologia da Primavera (precedida de razões de uma interrupção)

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Antologia da Primavera (precedida de razões de uma interrupção)", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 395-401.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

134

ANTOLOGIA DA PRIMAVERA

Precedida de razões de uma interrupção

COMO toda a gente sabe, ou teve ocasião de saber, o programa *Imagens da Poesia Europeia*, dada a sua própria natureza, não foi de modo algum abrangido pela suspensão que afectou muitos outros — e, por isso mesmo, não figurou, nem tinha de figurar, na lista então divulgada a esse respeito. No entanto, por motivos que nada têm a ver com a elaboração dessa lista e que a seguir tentarei sintetizar, fui eu próprio também de opinião que este seria o momento ideal para interromper agora as emissões.

Várias vezes, com efeito, sobretudo no decurso do último ano, solicitei dos então responsáveis pela programação uma pausa, em tudo semelhante a esta. Em primeiro lugar, porque temia o natural cansaço que um programa prolongado acaba por inevitavelmente provocar. Em segundo lugar, porque outras actividades mais prementes (entre elas, a redacção definitiva da matéria destas mesmas emissões com vista à sua publicação em livro) me obrigaram, primeiro, a passar de semanal para quinzenal a periodicidade das emissões e, mais tarde, a não respeitar sequer esta última periodicidade. Bastará lembrar, a tal respeito, que desde meados de Setembro até 25 de Abril — em sete meses, portanto — apenas cinco emissões foram para o ar: nem se atingiu, por conseguinte, a média de uma emissão por mês!

Além disso, no grande momento histórico que atravessamos, outras serão, naturalmente, para além destas, as formas de poesia ou as perspectivas sobre poesia, que mais interessa difundir. Quanto a mim, gostosamente me limitarei, neste momento, a recordar ou a reiterar o que este programa sempre constituiu para mim: apenas mais um meio, entre tantos outros, de divulgar poesia de várias épocas e de vários povos, sem preconceitos de nenhuma espécie; apenas mais um meio, entre tantos outros, de tentar comunicar o gosto pela poesia, de tentar transmitir em suma — através de traduções de poesia — a exaltante e maravilhosa diversidade de vozes livres que se têm exprimido em outros idiomas. E, sob esse aspecto, este programa foi — tem sido — apenas um episódio numa actividade muito mais ampla, que de longe o transcende.

Há vinte e cinco anos que traduzo poemas. Em certos momentos creio que não basta (a mim pelo menos não me bastou) a simples criação pessoal. Traduzir poesia ajudou-me a ultrapassar muitas limitações. Traduzir poesia tem sido, para mim, a par da criação pessoal, um modo de me sentir livre na companhia de

outros que também foram livres ou que sempre desejaram ser livres. E foi igualmente um modo de reagir, no meu campo específico, àquele monstruoso princípio do «orgulhosamente sós».

Fosse como fosse, não me bastou respirar egoistamente a frescura dos ventos que têm soprado noutros quadrantes e noutras épocas. Pelo contrário, tratei de fazê-la chegar também — através dos textos traduzidos — ao maior número dos meus compatriotas. Permitam-me, por isso mesmo, neste incompleto balanço provisório, que trate de enfeixar aqui, quase ao acaso, momentos soltos da actividade a que acabo de me referir. Uns já foram apresentados diante destas câmaras; outros, embora publicados em livros, serão decerto completa novidade para muitos dos telespectadores.

E começarei por um texto de Sófocles — uma das falas do Coro da tragédia *Antígona* — que traduzi expressamente para a edição em livro destas *Imagens da Poesia Europeia* e que admiravelmente exprime, como então escrevi, «a mais *aberta* confiança nos destinos e nos poderes do homem»:

Inúmeras são do mundo as maravilhas,
mas nenhuma que ao homem se compare:
é vê-lo sobre as ondas, entre as ilhas,
as águas percorrer do branco mar;
ou é vê-lo, diante da mãe-Terra,
sem pausa revolvê-la com seus potros,
fazendo que dos grãos que a terra encerra
em frutos se desdobrem todos, todos!

Ele, só, captura com seus laços,
ou com redes que faz entrelaçadas,
os pássaros ligeiros dos espaços,
os peixes que se ocultam entre as vagas...
E consegue os cavalos ir domando,
adrede utilizando suas manhas;
ao bicho mais feroz torná-lo manso,
como acontece ao touro das montanhas.

Sob tectos, se abriga da friagem;
sob tectos, das chuvas inclementes...
E vede: o pensamento, a linguagem
sua conquista são exclusivamente.
É o Ser dos recursos infindáveis:
até contra o futuro se faz forte;
e cura-se de males incuráveis...
Aquilo que o detém? Somente a Morte.

Ocorre-me agora, depois do texto de Sófocles, o excerto de um poema anónimo da baixa latinidade — provavelmente do século III depois de Cristo — que se intitula «A Vigília de Vénus». Também o traduzi, na íntegra, a fim de figurar no primeiro volume destas *Imagens*; e tratando-se, como se trata, de um hino em louvor de Vénus que é simultaneamente um hino em louvor da Primavera, parece-me que ele ganha neste momento, para todos nós, a renovada significação que a própria Primavera passou a ter:

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

Aí vem a Primavera; e a Primavera canta.
Dela é que nasce o mundo: olha as aves em núpcias!
Entretanto a floresta, os cabelos soltando,
mais conjugal se of'rece à carícia da chuva...

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

A Deusa dos amor's, entre a sombra dos mirtos,
amanhã vem tecer viridentes grinaldas...
Amanhã vai subir a seu trono sublime:
do alto desse trono as leis serão ditadas.

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

Mas não foi apenas através de cantos de confiança ou de cantos de esperança que eu próprio saciava ao traduzi-los, e procurava transmitir, ao divulgá-los, a sede de liberdade que todos sentíamos. Uma infinita gama de outros sentimentos, de outros motivos, de outras fontes de inspiração — a ironia, o riso, a sátira, o protesto, a denúncia contestatária —, tudo isso nos fazia sentir, a seu modo, para além das fronteiras e dos séculos, em uníssono com uma comunidade imensa de outros espíritos famintos de liberdade, de fraternidade, de paz e de justiça social. Muitos exemplos disso mesmo foram filtrados através deste programa, desde os epigramáticos gregos até aos Goliardos, desde um Marcial ou um Juvenal até La Fontaine ou William Blake. Mas, de todos eles, decido-me a recordar, neste momento, uma sátira sobre o dinheiro, da autoria de um anónimo poeta vagante do século XII ou do século XIII — a respeito de quem eu aqui disse, na altura, que não tinha «precisado de esperar pelo aparecimento do capitalismo na Europa para denunciar os malefícios do dinheiro». Aqui temos a sátira:

No mundo inteiro
é o dinheiro,
no nosso tempo,
o rei dos reis:
vassalos são
do rei dinheiro
os próprios reis...
E por dinheiro
até venal
se torna a cúria
pontifical...
E a guerra? A guerra,
quem é que a faz?
É o dinheiro...
Mas, se lhe apraz,
também a paz
ele é capaz
de celebrar...
E quem acende
esses litígios
que só os ricos
podem ganhar?
É o dinheiro...
Tudo o dinheiro
sabe vender,
tudo o dinheiro
sabe comprar,
dar e tirar,
voltar a dar...
Faz mil carícias,
e só depois
de tais blandícias
é que se põe
a ameaçar...
Deus dos avaros
é o dinheiro;
'sperança dos ávidos
é o dinheiro...
E há mais ladrões,
feitos por ele
continuamente,

do que as estrelas
que podeis ver
no firmamento...

Muitas outras composições, dentro da mesma veia, também aqui apresentámos. Uma delas, escrita quatro ou cinco séculos mais tarde, é da autoria do genial Francisco de Quevedo, «*nuestro hermano*» do século XVII; mas dessa composição, que traduzi na íntegra e que, pela mesma altura, se viu muito divulgada (no original, claro) através da voz de Paco Ibañez, recordarei agora apenas três estrofes:

Nasce nas Índias honrado
onde o mundo o acompanha:
e vem a morrer em Espanha
e é em Génova enterrado;
e quem o traz a seu lado
é formoso, inda que feio:
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Por ele intervir nos pactos
e por dar tão bons conselhos,
até nas casas dos velhos
gatos o guardam de ratos;
só ele rompe recatos
e abranda o juiz mais severo:
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Valem mais em qualquer terra
— vede bem como é sagaz! —
os seus escudos na paz
que outros escudos na guerra;
e, como ele o pobre enterra
e adopta o forasteiro,
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Mas disse eu há pouco que este programa constituiu apenas um episódio numa actividade mais ampla e que o transcende. Com efeito, tanto antes dele como a par dele, fiz e fui fazendo muitas outras traduções de poesia, nomeadamente de poesia contemporânea. Neste domínio, só evocarei, no entanto, os casos de dois poetas muito diferentes — mas até certo ponto complementares —

e cujos textos, por outro lado, se revestem, neste momento, de um interesse muito particular.

O primeiro desses poetas é Boris Pasternak, cujo romance *Doutor Jivago* (até pelo que houve de equívoco no êxito que teve no Ocidente) relegou injustamente para segundo plano o poeta, que essencialmente ele foi; mas que se mostrou grande poeta mesmo no *Doutor Jivago*, nos poemas que constituem a parte final do romance e que eu tive o gosto de traduzir do italiano para português (enquanto da tradução do romance se tinha encarregado Augusto Abelaira).

Trata-se, pois, de um desses poemas de Pasternak, por mim traduzidos há cerca de quinze anos; ou melhor: do excerto de um desses vinte e cinco poemas, quase todos bem longos. Mas este excerto — que constitui igualmente um cântico à Primavera — é que se me afigura particularmente adequado:

Nos palacetes desta Moscovo,
A Primavera, com insolência,
Dispersa a traça que há nos armários:
São as peliças que lá regressam,
Trajos de estio que de lá saem.

Vão-se alinhando vasos de flores
Nos parapeitos, nos patamares:
São violetas e amor's-perfeitos...
Ficam mais frescos agora os quartos,
Ficam os sótãos mais poeirentos.

Vão os passeios, familiarmente,
Para as janelas, cegas, sorrindo.
Nem se distinguem do sol poente
Algumas noites, junto do rio.

E o mais humilde dos corredores
Repete as falas de todo o espaço.
Bem nos conhecem os corredores,
A nós, humanos, e aos nossos males!
Assim repetem fortuitas frases
Que vão ouvindo, no mês das flores,
Ao som das gotas entremeadas.
E a madrugada, por sobre os muros,
Parece às vezes eternizar-se.

Tanto lá fora como nas casas,
Luzes e trevas que se misturam!
Por toda a parte, corre a loucura,

Por toda a parte, do próprio ar!
Por toda a parte, rebentos grimpam,
Por toda a parte se agitam ramos,
Ante as janelas, nas oficinas,
Tanto nas ruas como nos campos.

E, finalmente, outro poeta contemporâneo, este felizmente ainda vivo: o meu amigo Eugène Guillevic, bretão de nascimento, resistente durante a última guerra, militante cujas ideias não partilho inteiramente mas nem por isso menos respeito — e que foi, exactamente há nove anos, por minha iniciativa, o último visitante estrangeiro da depois extinta Sociedade Portuguesa de Escritores, na altura em que dele se publicou, em tradução minha, uma antologia de 33 poemas seus. Dessa antologia faz parte o poema com que terminarei esta emissão, com que interromperei estas emissões. O poema intitula-se «Lição de Coisas»:

O sangue é um líquido complicado
Que circula. É de um vermelho
Que aliás não se vê e que muda
Como uma planura sob várias luas.

O sangue contém corpos numerosos
Dos quais algumas pessoas sabem a fórmula.

É o nosso sangue. É ele
Que anda à volta, que volta,
Que alimenta.

O sangue derrama-se facilmente,
Basta-lhe apenas uma abertura.

O sangue de um morto por acidente
Não é o mesmo, na rua,

Que o de um morto pela liberdade,
Derramado na mesma rua.

Tem cada qual um modo particular
*De ser vermelho e de gritar.**

---

* Este é o texto do último programa da série *Imagens da Poesia Europeia* que foi transmitido pela Radiotelevisão Portuguesa. David Mourão-Ferreira gravou outros três — cujos guiões se apresentam a seguir — que nunca foram emitidos.